

Outubro Rosa... Crônica (Chronos) de Rosária

Por Denise Fleury
Psicanalista* e Escritora

Um dia a filha chegou alegre da aula de artes com uma pintura em papel algodão feita em aquarela e correu a mostrar para sua mãe. A pintura era de uma menina de cabelos abundantes, que carregava uma cesta na mão, a admirar, diante de si, um pequeno arbusto de rosas. A mãe perguntou à pequena autora da pintura o que a menina carregava na cesta, tendo a filha respondido que a cesta estava cheia de sementes, e que Rosária a carregava para semear. A pintura era singela, e suas cores, róseas delicadas!

A mãe, sob forte impacto, não saberia dizer se, pela pintura, ou mesmo, pela cena que a filha descrevia da própria pintura, ou se pelo gesto da filha, ainda pôde perguntar:

- Filha, o que Rosária semeia?
- Semeia sementes, mamãe.
- Sementes?!
- Sementes de esperança!

Naquele dia a mãe foi dormir num estado difuso de sentimentos. Foi dar boa noite a sua filha, mas esta, já embalada pela noite, dormia um sono sereno. A mãe recolheu-se pesarosa. A pintura e fala da filha a tocara profundamente. Ela não sabia e viria a saber, algum tempo depois, que, nesse mesmo dia, da pintura da filha, um tumor insidioso, progredia, no silêncio, em sua mama! A mãe também não sabia, há cinco anos, que um dia viria a perder, quando a filha insistia em guardar todos os cabelos cortados dentro de uma caixa, seus longos e densos fios.

Alguns meses depois, no meio da noite, a mãe acorda com uma dor no peito, característico de quem comprimia um forte sentimento. Levanta em ritmo descompassado e coração acelerado, vai até o quarto da filha. É madrugada e a garota dorme. O quadro de Rosária havia sido pendurado ao lado de sua cama e velava o sono da filha. Uma tênue luz do luar adentra pela janela. A mãe abre o guarda-roupa de modo silencioso para não despertar a filha de seu adormecer. Sua respiração é espaçada, e seus olhos, aflição. Ela procura por uma caixa, desesperadamente, não encontra. Não desiste, abre gavetas, estantes, armários, até se deparar com uma caixinha de música bem guardada ao fundo. Lá estava o que ela procurava.

Ao abrir a caixa, encontra fios de cabelos amarrados. Eram fios volumosos, macios, cheirosos e cor de mel. A mãe abraça aqueles fios, e, por um momento, parece compreender que a filha adivinhava, desde sempre, aquilo que viria a lhe faltar, embora tão pequenina! A mãe se ajoelha ao chão, e, pela primeira vez, após a notícia do seu câncer, desagua em pranto a dor que a consumia. Chora seu tempo passado... Chora a noite... Chora seu futuro, sequestrado! Nesse dia, a mãe deixa ir seus fios... Os fios que tecem a vida... Fios que narram histórias, fios que enlaçam afetos, os fios parcos que resistiam e adornavam seu rosto. Lágrimas escorrem!

* Membro Associado em Formação na Associação Cultural Fazenda Freudiana

O sol a desperta! Ao abrir os olhos, no início daquela manhã, a mãe percebe que havia adormecido. A menina ainda dorme, é cedo! Levanta, abre a janela, o dia, estava iluminado! O orvalho acompanha a brisa que lhe acaricia o rosto. Frescor! O ar se refaz no seu peito, e ela respira profundamente! Guarda os fios e os devolve à caixa. Um olhar, um leve sorriso... A esperança nasce, e essa mulher pressente o ciclo que se inicia. Antes de voltar aos seus afazeres... Antes de se retirar do quarto da filha, a mãe se volta para trás e aprecia a cena emoldurada... Rosária vem do verbo rosar!